



Felipe Crivello Cesar

CURSO – RELAÇÕES INTERNACIONAIS/UnB

Uma visão ampla do curso de Relações Internacionais.

Felipe Crivello Cesar formou-se no ano passado na UnB – Universidade de Brasília – em Relações Internacionais. Nesta entrevista, ele fala de sua formação, das atividades em estágios e de seus interesses. Atualmente está trabalhando em uma *startup* em São Paulo, gerenciando a relação com empresas brasileiras e internacionais.

JC – O que levou você a escolher Relações Internacionais?

Felipe – Quando entrei aqui no Ensino Médio, eu já tinha alguma ideia de que gostaria de fazer Relações Internacionais. A decisão mesmo foi no final do 2º ano.

Você prestou quais vestibulares?

Prestei Fuvest e Unesp. Fui aprovado nos dois e entrei na UnB pelo Enem. Todos em Relações Internacionais.

Por que escolheu a UnB?

A UnB liderava o *ranking* nacional das melhores universidades para Relações Internacionais. Ela inaugurou esse curso no Brasil em 1974. Também preferi Brasília por ser o polo da diplomacia no país.

Quando você entrou no Etapa?

Em 2012. Vim com meu irmão gêmeo.

O que motivou sua vinda para cá?

Foi uma escolha conversada com meus pais. Eu gostei muito de ter vindo para o Etapa, foi a melhor escolha que fiz. Aqui tive muitas oportunidades de me desenvolver em várias frentes diferentes e não só para o vestibular.

Você participava de alguma atividade extracurricular no colégio?

Sim, eu participei dos Clubes de Cinema e de Leitura e fiz Olimpíada de História nos três anos, além da Olimpíada de Linguística. No 2º ano frequentei um pouco o Clube de Atualidades. Também foi muito importante participar do Emun (Etapa Model United Nations), que procura simular de maneira bastante didática, mas também divertida, como funcionam as negociações dentro de organizações multilaterais.

Como foi seu início na UnB?

Foi muito bom, eu me senti bem acolhido. Um ponto de destaque do curso é que ele atrai pessoas de várias partes do Brasil. A mudança para Brasília foi muito positiva para me tirar da zona de conforto, para me fazer ganhar maturidade também, no sentido de morar sozinho, ter que me virar para fazer as coisas.

No curso, que matérias você teve ano a ano?

O curso de Relações Internacionais apoia-se em cinco eixos: História, Economia, Ciências Políticas, Ciências Sociais e Direito. No 1º e no 2º ano são matérias introdutórias a esses eixos. No 1º ano, a gente também tem Economia Brasileira, Teoria Política Contem-

ENTREVISTA

Carreira – Relações Internacionais

1

POIS É, POESIA

Augusto dos Anjos

3

CONTO

Miss Corisco – Antônio de Alcântara Machado

4

(ENTRE PARÊNTESES)

O tabuleiro

5

ESPECIAL

Alunos do Colégio Etapa celebram a chegada da primavera

6

ESPECIAL

Etapa: 19 medalhas em torneio paulista de Matemática

8

porânea, Teoria Política Moderna. E começam algumas matérias voltadas ao estudo das Relações Internacionais. No 2º ano tem Teoria das Relações Internacionais. Todo o curso é bastante teórico.

E nos anos finais, como se desenvolve o curso?

Temos algumas matérias no 3º e no 4º ano, como Organizações Internacionais, Direito Internacional Público, Política Internacional Contemporânea, Análise das Relações Internacionais do Brasil, Comércio Internacional. Tem Economia Internacional. A carga horária fica um pouco reduzida para você poder fazer as optativas que quer.

Você fez alguma pesquisa no curso?

Sim, eu fiz duas pesquisas: uma na área de Relações Internacionais e outra em uma área de meu interesse, o teatro. A primeira, em 2016, no meu 2º ano na faculdade, foi no campo da segurança internacional, procurando entender se o terrorismo era uma atividade fomentada em países mais pobres ou não. Cheguei a apresentar a pesquisa em dois congressos. Um deles foi em Brasília, no Quartel General do Exército – no Encontro Regional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa. O outro foi em Florianópolis, no Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa.

Na outra pesquisa, na área teatral, o que você fez?

Eu sempre gostei da parte de cultura e antes da faculdade comecei a estudar um pouco de teatro. No final da faculdade fiz uma pesquisa sobre a produção e o posicionamento político do autor Gianfrancesco Guarnieri. Também montei uma peça dele de 1964, *O filho do cão*.

Você chegou a fazer outras atividades na UnB?

No 1º, no 3º e no 4º ano eu participei do Sinus, Simulação das Nações Unidas para Secundaristas. Na Empresa Júnior, em que fiquei um ano, da metade do 1º ano até a metade do 2º, entrei em um projeto, o Amun (atividade inspirada no Americas Model United Nations), de simulação voltada para os universitários. Dentro desse projeto existia um voluntariado chamado Amun Kids, em que a gente ia a escolas públicas passar conceitos de cidadania para crianças entre 7 e 10 anos.

Você fez estágios?

No 4º semestre eu comecei a estagiar no Ministério das Relações Exteriores, na Divisão de Operações de Difusão Cultural, que tinha a ver com meu interesse em estudar cultura no aspecto internacional. O trabalho consistia em gerir as atividades culturais nas embaixadas e consulados do Brasil ao redor do mundo, compilando atividades que estavam ocorrendo e ao mesmo tempo investigando quais obras brasileiras tinham sido publicadas em idiomas estrangeiros.

Você ficou quanto tempo no ministério?

Fiquei seis meses, no segundo semestre de 2016. Sai porque não gostei muito da estrutura de órgão público. Era muito parado e burocrático. Foi quando entendi que meu perfil tinha mais a ver com o mercado. Mas em Brasília as oportunidades de mercado não são tão grandes. Aí decidi voltar para São Paulo e tentar entrar no curso de Relações Internacionais na USP. Não consegui, voltei para Brasília e fui fazer meu 3º ano. Fiquei procurando estágios na área privada enquanto dava aulas particulares para alunos de Ensino Fundamental e Médio.

Isso foi ao longo do 3º ano?

Ao longo do 3º ano e no 4º ano também.

Você acabou conseguindo estagiar na área privada?

Na metade do 3º ano, em 2017, comecei um estágio na Amcham (American Chamber of Commerce).

Qual era o seu trabalho?

A Amcham trabalha com algumas frentes: conteúdo; relacionamento, que é *network* entre as empresas; e *advocacy*, que é fazer relações governamentais para o público corporativo. Em Brasília eu trabalhava com conteúdo. A Amcham reunia conteúdo de diversas frentes do mercado para trazer palestrantes e montar eventos voltados para seus associados.

Você ficou quanto tempo nesse estágio?

Um ano. Em setembro de 2018 tive oportunidade de trabalhar contratado na Amcham em São Paulo.

Você está lá ainda?

Não. Desde quando voltei para São Paulo, eu estava muito ativo no LinkedIn, mandando currículo e procurando outras oportunidades. Nisso, a Mindsight, uma *startup* que trabalha com recrutamento e seleção, me procurou.

Uma startup de RH?

Sim, de RH. Ela não tinha nada a ver com minha formação. Estavam contratando pessoas para gerir o relacionamento com as empresas clientes – empresas brasileiras e internacionais. Acabei entrando em abril deste ano. Hoje sou um dos responsáveis por gerir esse relacionamento.

Estando em São Paulo antes de se graduar, como conseguiu terminar o curso na UnB?

Eu ainda estava fazendo duas matérias e o TCC. Uma matéria era Comércio Internacional e a outra Política Internacional Contemporânea. Tive que ter uma boa relação com meus professores, fazer alguns combinados para eles me autorizarem a fazer a distância.

Qual foi o tema do seu TCC?

Eu quis aliar o TCC à área da cultura. Meu estudo foi sobre como os festivais internacionais de cinema eram polos de negociação e refletiam o ambiente internacional também. Basicamente, a ideia era questionar se esses ambientes refletiam o que se passava no mundo. E a ideia foi trazer alguns exemplos de como se faz política internacional dentro dos festivais. Apresentei o trabalho em Foz de Iguaçu, em outubro de 2018, antes de validá-lo.

Como está se saindo na Mindsight, mesmo não tendo relação, como você disse, com sua formação?

Eu acho que a faculdade de Relações Internacionais ensina muito a ter uma leitura multidisciplinar dos contextos. Você consegue entender que a situação que vive no trabalho é uma responsabilidade compartilhada entre várias áreas e que precisa ser lida de maneira multissetorial. A gente foca em habilidades de relacionamentos para poder construir acordos, pontes com clientes nacionais e internacionais.

Como você vê o mercado de trabalho em RI?

Vejo várias alternativas. Uma é a parte de diplomacia, outra é no funcionalismo público – numa secretaria internacional de ministério. Na área acadêmica, o pessoal que faz mestrado em RI vai se desenvolver no estudo de alguma vertente específica. A gente vê também o pessoal trabalhando com organização internacional. Tenho amigos que foram trabalhar na ONU e no Banco Mundial. Também conheço gente que foi trabalhar no Terceiro Setor com ONGs. E, claro, muitos estão no mercado privado, em empresas como Uber, Votorantim, Ambev.

Você pretende continuar estudando?

Eu tenho vontade de em algum momento fazer uma pós-graduação no exterior, também para desenvolver outro idioma.

Que matérias do colégio acabaram tendo mais importância na faculdade?

Matérias muito importantes tanto na faculdade quanto na vida real foram Filosofia e Sociologia. A gente enfrenta várias

situações éticas e é legal ter um repertório para lidar com essas situações. Uma outra que eu não imaginava que ia usar, mas que hoje vejo no meu trabalho, é Matemática e Estatística.

Que lembranças você guarda do colégio?

Primeiro, uma sensação de muito aprendizado em pouco tempo e muita amizade. Uma boa relação com os colegas, com os professores. Ao mesmo tempo vem a lembrança de uma jornada muito intensa e de muita dedicação. Minha percepção é de que o Etapa é para quem gosta de estudar, de discutir, de se aprofundar.

Você quer dizer mais alguma coisa para os nossos alunos atuais?

Não se preocupe demais com a escolha do curso, no sentido de achar que essa escolha vai definir sua vida. É mais escolher um curso que você entende que faz sentido com o que gosta. E, lá na frente, você vai ter oportunidade de explorar outros interesses também.

POIS É, POESIA**Augusto dos Anjos
(1884-1914)****Psicologia de um vencido**

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.
Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.
Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

O morcego

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante
[molho.

“Vou mandar levantar outra parede...”
– Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um
[olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh’alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

**Idealização da
humanidade futura**

Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
– Homens que a herança de ímpetos
[impuros
Tornara etnicamente irracionais!
Não sei que livro, em letras garrafais,
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,
Realizavam-se os partos mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...
E, em vez de achar a luz que os Céus
[inflama,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação!

Versos íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.
Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

Extraído de: *Toda a poesia*, Paz e Terra, 1976.